

### Caro(a) professor(a),

Com grande alegria disponibilizamos mais um número do Boletim das Licenciaturas e Bacharelados, que visa difundir práticas exitosas dos professores da instituição nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão, bem como reflexões, percepções e experiências de gestores universitários.

Temos presente, nesta edição, o Coordenador de Formação Docente, professor *Delarim Martins Gomes*, que relata uma experiência vivenciada no curso de Pedagogia com o uso da estratégia de ensino intitulada Educação Comparada. Trata-se de uma estratégia de grande potencial formativo, especialmente nas áreas das ciências humanas e ciências sociais aplicadas quando se objetiva comparar autores, teorias, sistemas, entre outros aspectos educacionais.

Comparecem também nesta edição *Aloir Pacini* e *Marina Garcia Lara*, professores, respectivamente, do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências

Humanas e Sociais – ICHS/ UFMT, e da escola básica, que contribuem com uma entrevista muito especial. Os professores refletem sobre ensino-aprendizagem e pesquisa em contexto de pandemia, uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo ensino-aprendizagem e flexibilização de componentes curriculares. “O trabalho nesse estilo remoto, seja de pesquisa, ensino-aprendizado ou extensão, é uma forma de nos mantermos saudáveis em tempos tão desafiadores”, pondera o professor do ICHS.

Agradecemos as contribuições dos professores e manifestamos o desejo de que esta publicação possa motivar novas iniciativas e fomentar a qualificação continuada do corpo docente.

**Boa leitura e até a próxima edição!**

## RELATO DE EXPERIÊNCIA EXITOSA

### Educação Comparada: uma estratégia para promover a aprendizagem significativa

Nesta seção, o professor *Delarim Martins Gomes*, Coordenador de Formação Docente da PROEG/UFMT, nos relata a experiência vivenciada no curso de Pedagogia do IE/UFMT acerca do uso da estratégia Educação Comparada, na disciplina *Organização e Funcionamento da Educação Básica*. Trata-se de uma estratégia que possibilita o “aprender a aprender”, centrada nos princípios da pedagogia interativa e reflexiva.

O professor possui graduação em Ciências e em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Foi Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário Cândido Rondon e assessor para elaboração dos Projetos Pedagógicos de cursos da PROEG/UFMT.

Com a palavra, o professor!



### Refletindo sobre a docência

Em “Investigações Filosóficas”, ao trabalhar o conceito de “jogos de linguagem”, Wittgenstein indaga-se qual a essência desses “jogos” e, em suma, qual a essência da linguagem. Conjectura, então, que a linguagem se assemelha a uma corda (pense nas de sisal existentes nas décadas de 1930/40) na qual não há um fio que a percorra de uma ponta à outra, mas, antes, um conjunto de pequenos fios que em sucessivas torções formam esse objeto tão útil e forte: a corda. Ou seja, ao invés de uma essência de linguagem, múltiplas linguagens que se entrecruzam para possibilitar essa característica tão útil aos humanos: a comunicação.

Suponho que, similarmente, não se deva buscar a essência da docência, dado que esta é constituída, na história de vida de cada docente, pela multiplicidade do fazer/refazer criar/abandonar estratégias de ensino, ou melhor, *situações de aprendizagem*, as quais se embricam, se entrecruzam, se mesclam, formando, nessa tecedura, o que nomeamos de docência.

Nesta perspectiva, sou grato pela possibilidade de relatar uma situação de aprendizagem que empregue por três anos seguidos na disciplina *Organização e Funcionamento da Educação Básica*, no curso de Pedagogia do Instituto de Educação do Campus Cuiabá. Nesse lapso temporal, a cada novo ano, a metodologia foi sendo incrementada e, na avaliação unânime dos alunos, considerada de alta efetividade para a aprendizagem. Tenho a expectativa de que a narrativa de um dos fios que compõem o meu fazer docente sirva de inspiração para que colegas dele se apropriem e o adaptem aos afazeres com que se envolvem em suas próprias atividades de ensino.

### A necessidade da renovação no processo ensino-aprendizagem: uma comparação

Para contexto do relato, parece-me relevante reportar que, certa vez, pedi a meu pai que solicitasse a visita de um agrônomo que o assessorasse na administração de sua pequena propriedade rural. Após bom bate-papo para entender a situação, o profissional sugeriu-lhe que dividisse suas terras em cinco partes para, a cada ano, gradear, calcar, adubar e semear em uma parte. Ao término de cinco anos, o ciclo deveria ser reiniciado de modo a ter uma propriedade com pastagens sempre novas e produtivas. Deste então, adotei esse ciclo para minhas aulas: a cada ano renovei 20% delas, de modo a ser um “novo professor” a cada quinquênio.

### A estratégia de aprendizagem utilizada: inspiração e motivação

Para estruturar a estratégia “Educação Comparada”, inspirei-me em disciplina homônima de antigos cursos de pedagogia e em texto de Demerval Saviani, *Onze teses sobre educação e política*. A estratégia visa criar as melhores condições para que cada discente seja capaz de compreender analiticamente que a educação básica – objeto da disciplina – é uma construção social e, tese 9 de Saviani, “*As sociedades de classe se caracterizam pelo primado da política, o que determina a subordinação real da educação à prática política*”. Exemplificando: os governantes têm bastante poder para cercar orçamentos da educação, aparelhar a gestão etc. Ou seja, a educação básica que temos no Brasil, de baixa qualidade, depende das decisões de nossos governantes: isto é, essa baixa qualidade é uma (re)invenção de 500 anos. No entanto, não precisa continuar assim e, para isso, um passo importante, embora não suficiente, é que os futuros professores entendam que a educação pode ser diferente da que temos e não queremos, e se aproximar da que queremos, mas não temos. Enfim, ser educador é *esperançar* que, com a contribuição dos professores que formamos, a educação brasileira será diferente e melhor.

### Educação Comparada: uma metodologia centrada na aprendizagem dos alunos

A aprendizagem para o século XXI ancora-se em quatro pilares: aprender como aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver. A estratégia “Educação Comparada” propõe-se a criar situações para que cada aluno de Pedagogia – uma vez que é importante não deixar nenhum para trás – edifique esses pilares no seu próprio itinerário de aprendizagem de ser professor. Para tal, faz-se necessário que cada indivíduo tenha “vontade de aprender”, o que é pouco realizável em aulas expositivas, mas tende a ser desenhado em metodologias ativas e, por metodologias ativas, venho compreendendo que são ativas porque são metodologias centradas na aprendizagem de todos os alunos, envolvendo as dimensões afetiva (para possibilitar a vontade de saber), corpórea (o mundo real e as práticas são fontes de aprendizagem) e cognitiva (formação de constelações ou redes conceituais que possibilitam interpretação/ação do/sobre o mundo).

Com esses pressupostos, fica mais compreensível o relato da estratégia “Educação Comparada”, que planejei e realizei na quarta e quinta aulas da disciplina *Organização e Funcionamento da Educação Básica*, no 2º ano de Pedagogia. Por aula deve-se entender quatro horas.

### Sala de aula invertida: o trabalho no AVA

Na **pré-aula**, cada aluno lê o texto de Demerval Saviani. Para facilitar o acesso, o texto fica disponível no AVA. Apesar de breve, inicialmente, número razoável de alunos não fazia a leitura completa. Para superar essa situação, foi acrescentado um fórum virtual, no qual cada aluno precisava fazer uma postagem academicamente relevante sobre o texto com, no mínimo, 150 palavras. Adicionalmente, precisou comentar, ao menos, uma postagem de colega. Mesmo que o fórum não permita a inferência de que todos os alunos realizem a leitura completa, pela pertinência da postagem comentária, é possível verificar diferentes deficiências na manifestação de opiniões e exposição de argumentos. A intenção é identificar os cinco/sete alunos com maiores fragilidades para realizar orientação acadêmica individualizada; ou seja, trata-se de utilização da avaliação diagnóstica, até agora não incluída, explicitamente, na estratégia.

### Os materiais didáticos utilizados

Na **aula**, os alunos trabalham em seis grupos, formados até a segunda aula da disciplina e ativos até o término do semestre. Todos são informados de que, em cada grupo (cinco/ seis alunos), deve existir, ao menos, um computador ou *tablet*, com player para vídeo. Cada grupo, previamente à aula, deve realizar download de dois arquivos disponíveis no AVA: um de vídeo e outro do PowerPoint. O arquivo de vídeo é pesado, razão pela qual foram providenciados seis pen-drives, cada um dos quais com um vídeo e o arquivo PowerPoint.

Os seis documentários, em vídeo, intitulados *Destino Educação* têm como subtítulo o nome do país a que se referem. Com duração de 52 a 58 minutos, foram produzidos pelo Canal Futura em parceria com o SEI e publicados no Youtube entre 2013 e 2016. Ecoando dados do PISA 2012, foram filmados nos países com melhor qualidade na educação à época. Na Ásia: Xangai e Coreia do Sul; na Europa: Finlândia; nas Américas, em geral: Canadá; na América do Sul, em específico: Chile e, não por estar entre os melhores, o Brasil. Com roteiros similares, os documentários dão voz a alunos, pais, professores, gestores e especialistas e, conduzidos por narrador, em off, reportam o estado da educação no país de referência.

O arquivo PowerPoint, elaborado pelo docente, compõe-se de 15 slides: dos dois primeiros para título e autoria, os restantes são destinados a 13 categorias de análise do documentário, uma em cada slide.

### A dinâmica da estratégia na sala de aula

Na aula quatro, cada grupo, em ambientes diferentes, assiste ao vídeo e refore, a partir dele e do texto de Demerval Saviani, as próprias análises, segundo as 13 categorias. O texto analítico não deve exceder um slide, a fonte deve ser Arial com tamanho mínimo de 20 pt. Evidentemente, as análises devem ser inferidas de todo o documentário, e é sugerido que cada aluno se responsabilize por duas ou três categorias, pedindo que o vídeo seja pausado quando se deparar com informação pertinente às categorias cuja explicitação deve coordenar. Enquanto o vídeo está pausado, o grupo discute a informação e elabora ou reelabora o texto de análise da categoria. A última categoria? solicita que o grupo evidencie os pontos de destaque da educação no país. Informações complementares de fontes confiáveis são incentivadas. Sempre solicitei a eleição de um guardião do tempo para que o grupo não se perca em discussões não conclusivas.

Na aula cinco, cada grupo apresenta as próprias análises. Para tal, adoto um procedimento simples, mas que faz toda a diferença: chego meia hora antes e monto seis projetores. Cada grupo traz o seu notebook com o arquivo PowerPoint. Uma das categorias de análise, por exemplo, é *Status social do professor e expectativa do jovem em ser professor*. O slide com essa categoria é projetado simultaneamente de modo que se tenha ante os olhos informações sobre esse tema em Xangai, Coreia do Sul, Finlândia, Canadá, Chile e Brasil. Cada grupo faz o relato em um determinado tempo, cabendo ao docente, a cada vez, destacar/lançar novas questões sobre o tema analisado. Finalmente, a situação da educação brasileira é desastrosa em todas as categorias. No contexto, mais que desesperança, é encaminhado o comprometimento com a causa da educação pública de qualidade.

As aulas são impactantes. Em quase todas as ocorrências, os alunos propuseram não realizar o intervalo e, em todas as vezes, os grupos, até o final da disciplina, passaram a se nomear com o nome do país estudado. Adicionalmente, a avaliação da aula, mediante questionário do Google Docs, reporta a percepção de que a atividade é altamente relevante para a aprendizagem.

### A pós-aula e os desafios para a realização da atividade

Na **pós-aula** cada grupo tem prazo de cerca de cinco dias para realizar alterações nos slides e submeter o arquivo ao docente para avaliação e upload para o AVA.

As maiores dificuldades para a utilização da técnica são: encontrar sala adequada para comportar seis projeções, fios de extensão e tomadas suficientes para que não se corra risco de sobrecarga em um circuito elétrico. Quanto aos alunos, após algumas dificuldades iniciais na aula dedicada à assistência/análise, envolvem-se intensamente com o trabalho.

### Breves considerações finais

Para concluir, a técnica pode ser utilizada, sobretudo, na área das ciências humanas e ciências sociais aplicadas quando, por exemplo, for relevante comparar autores, teorias, sistemas sociais ou econômicos diferentes. Tenho em mente utilizar a técnica para estudar escolas inovadoras. É sempre conveniente lembrar que grupos de estudo produtivos costumam ser constituídos de cinco a sete integrantes. Sempre que possível, tenho optado por grupos com cinco pessoas. É fundamental para a técnica que o professor elabore categorias de análise idênticas para todos os grupos, os quais devem sintetizar suas respectivas análises em um único slide, com exibição simultânea de cada categoria por todos os grupos. Para isso, todos os alunos devem ter clareza de que devem chegar para a aula de comparação com os arquivos finalizados e que as exposições dos grupos não serão sequenciais, mas segmentadas em projeções simultâneas por categorias.

### Expediente

O Boletim das Licenciaturas e Bacharelados é uma publicação da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), por meio da Coordenação de Formação Docente (CFD), em parceria com a Secretaria de Comunicação e Múltiplos (Secomm) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Pró-Reitoria de Graduação: Professora Lísiane Pereira de Jesus

Secretaria de Comunicação e Múltiplos: MSC. Maria Selmira Alves

Responsáveis pelo BLB: Equipe CFD/UFMT

Coordenador de Formação Docente: Professor Delarim Martins Gomes (CFD/UFMT)

Gerente de Apoio Pedagógico: Professora Taciana Mirra Sambrano (CFD/UFMT)

Elaboração, organização e apresentação do BLB: Jozanes Assunção Nunes (Gerente de Programas/CFD) - PROEG-UFMT e Professora Permanente do PPGEL/UFMT

Edição: Jozanes Assunção Nunes (CFD/UFMT e PPGE/UFMT) e Michel Lacombe (Secomm/UFMT)

Supervisão: MSC. Michel Lacombe (Secomm/UFMT)

Diagramação: Milton de Paiva (Secomm/UFMT)

Fotos: Adailson Pereira/Focaia e Arquivo Pessoal (Secomm/UFMT)

Revisão: Andreza Silva Pereira

## Entrevista



Os entrevistados desta edição são os professores *Aloir Pacini* e *Marina Garcia Lara*. *Aloir Pacini* é docente do Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, professor orientador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, com graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduação em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

*Marina Garcia Lara* é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFMT, orientanda do Professor *Aloir Pacini*, professora do Ensino Médio, com graduação em Administração pelo Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura, e especialização em Docência no Ensino Superior pela Universidade Católica Dom Bosco. Na entrevista, orientador e orientanda discorrem sobre suas percepções e experiências em estudar e trabalhar remotamente.

### Boletim das Licenciaturas e Bacharelados (BLB) – Professor Aloir Pacini, qual a linha de pesquisa em que se encontra vinculado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia? O que motivou seu interesse pela área?

**Aloir Pacini** — A linha de pesquisa na qual estou vinculado é *Etnicidades, Territorialidades e Cosmologias*, aparentemente distante das pesquisas a respeito do ensino-aprendizado remoto, mas a Antropologia tem a ver com o olhar que temos sobre todas as realidades humanas. No caso desse tempo de pandemia, o antropólogo está sendo motivado a pensar o que estamos vivendo e saber que as pesquisas de campo tradicionais nas aldeias indígenas podem também ser feitas nas redes sociais, nos meios mais remotos, nos arquivos disponíveis de forma digital etc. Agora mais do que nunca não é solicitado que sejamos criativos, e poder compreender esses novos ambientes virtuais na sua complexidade faz parte da abertura para o outro que devemos ter.

### BLB – Você é orientador da mestrand Marina Garcia Lara, que estuda o cenário escolar em contexto de pandemia, focalizando o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) no processo ensino-aprendizagem em Cuiabá. Quais aspectos do projeto apresentado pela orientanda lhe chamaram a atenção?

**Aloir Pacini** — A mestrand mencionada é um caso especial de interesse e dinamidade que impressiona porque é seu projeto e possui capacidade de se adaptar e modificar até o perigo de pesquisa para poder continuar pesquisando, mesmo em tempos de pandemia. Assim, a habilidade que Marina Lara possui nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) é algo que lhe deu proximidade com os estudantes, sentindo-se à vontade nesse mundo digital (virtual). Outro elemento que deve ser mencionado é a grande generosidade da mestrand em oferecer os seus saberes e partilhar com quem tem menos habilidades.

### BLB – A UFMT retornou às atividades acadêmicas com a flexibilização de componentes curriculares em caráter excepcional, por meio de Tecnologias da Informação e Comunicação. Como você avalia essa experiência?

**Aloir Pacini** — Politicamente, participei desde o início das instâncias de decisão a respeito da flexibilização e sempre manifestei-me contrário ao oferecimento de componentes curriculares em caráter excepcional pelo Instituto de Ciências Humanas e Sociais, por considerar que é complexa essa disponibilidade das aulas nos meios digitais, com a consequente fragilização dos profissionais (docentes) e as dificuldades de acesso dos estudantes, reforçando a discriminação social. Contudo, uma vez decidida no quadro mais amplo pela flexibilização e sabendo dos cuidados que a UFMT teve para não impor nem aos professores e nem aos estudantes essa modalidade, penso que é necessário um esforço da nossa parte para captar o que for possível. Por outro lado, dentro do nosso momento ecológico atual, evitar gastos e a deteriorização do planeta Terra como *casa comum* de todos nós, usando mais os meios digitais, parece ser adequado.

### BLB – Marina Lara, como surgiu seu interesse pelo estudo das TDIC no processo ensino-aprendizado? Qual o objetivo da sua pesquisa?

**Marina Lara** — Meu interesse pelo tema surgiu em virtude das consequências da pandemia na minha área profissional, visto que sou professora de Ensino Médio. Inesperadamente, como para todos, nós professores fomos colocados diante de uma situação de adequação ao Ensino Remoto Emergencial. No final do mês de março, inseri na minha prática pedagógica a modalidade e comecei a notar as influências no processo ensino-aprendizado dos estudantes que acompanho. Antropologicamente falando, me vi diante de um *fato social total* que renderia bons estudos.

O objetivo da pesquisa é, justamente, esse estudo do contexto de ensino-aprendizado com a utilização de TDIC no contexto de pandemia pelo novo coronavírus em uma escola da capital de Mato Grosso, fazendo uso de entrevistas e relatos de discentes e docentes. Ademais, visando compreender o cenário modificado pelo inimigo invisível, este trabalho é um estudo dos processos de vivências e até mesmo da encenação dos sentidos na comunicação digital, o que me levou a uma compreensão da semiótica antropológica das relações que estão chegando mais habilitadas nos meios digitais, mas também à complexidade dos discursos humanos através do desafio da etnografia entre as *tecnologias da inteligência online*.

### BLB – Considerando o estágio da sua pesquisa, quais dados e/ou resultados obtidos são mais significativos?

**Marina Lara** — Com os dados obtidos até o presente momento, fizemos duas importantes publicações, sendo um capítulo de livro e um artigo publicado em um congresso de educação. Ambos os trabalhos dizem respeito aos resultados iniciais que giram em torno, especialmente, das dificuldades iniciais dos estudantes na adaptação ao novo ambiente de convívio: o virtual. Percebemos que as *emoções* se apresentaram como obstáculo para os estudantes nos meses de abril e maio, contrapondo nossa hipótese de que o desempenho escolar estaria diretamente relacionado ao uso eficaz das TDIC. Na verdade, os dados iniciais mostram que o rendimento dos estudantes nos primeiros meses estava mais relacionado ao aspecto pessoal e emocional do que ao aspecto propriamente técnico. O uso das TDIC não foi visto como um obstáculo, pois a maioria dos estudantes considerou que apresentavam um bom conhecimento prévio a respeito delas. As opiniões eram unânimes sobre a importância das TDIC, e os estudantes até mesmo reconheceram como “natural” a utilização delas no cenário pós-pandemia. Ademais, relataram que as TDIC se apresentam não somente como um meio de acesso às aulas remotas, mas de acesso uns aos outros, como um novo “meio de sociabilidade”. Interessante foi ver que a dificuldade nos meses iniciais estava em lidar com a solidão experimentada pela reclusão nas suas casas nesse momento.

### BLB – Como aluna da pós-graduação, como avalia a experiência de estudar nesse contexto de pandemia? De que forma as TDIC têm contribuído para a sua aprendizagem/pesquisa?

**Marina Lara** — Meu relato é bastante semelhante ao que ouvi dos estudantes que acompanhei nos meses iniciais porque, assim como aconteceu com eles, esse período foi de intenso estresse psicológico. Entretanto, cheguei a um ponto de resignação e não dei mais espaço a sentimentos que me limitavam. Comecei a pensar sobre a importância  *futura* de estudar o momento  *presente*. Alguém precisa falar sobre o que está acontecendo, e reconhecendo o prof. Aloir Pacini com sua incrível sensibilidade de reconhecer o momento me incentivou a adentrar esse campo.

As TDIC têm contribuído significativamente para meu estudo e pesquisa na pandemia, especialmente pelas oportunidades de matrícula em outras universidades. Nos meses iniciais busquei programas de pós-graduação que ofereciam disciplinas remotas na minha área de pesquisa. Felizmente consegui ingressar na UFRGS na disciplina *Antropologia das Epidemias*, que serviu como um grande combustível nessa caminhada. Percebo que, se a gente para, tudo em nós é paralisado. Acredito que o êxito que consegui nos estudos neste período esteve diretamente relacionado à ideia de continuar sempre em movimento.

### BLB – Fique à vontade para tecer mais algumas considerações que julgar pertinentes sobre a temática da sua pesquisa.

**Marina Lara** — Gostaria de deixar registrada a importância de estudarmos o momento que estamos passando sob os mais diversos pontos de vista e áreas de estudo, pois, apesar de não se tratar de um cenário inédito para o mundo, ele é inédito em nossa história pessoal e sua repercussão será vista por muitos anos. Ademais, acredito que o estudo das TDIC sugerem um presente que já é futuro – e que deve ser pensado de forma social, visando ao acesso de todos: sabemos que, de uma forma ou de outra, o mundo não retrocederá tecnologicamente, mas será que estamos imersos em uma sociedade que vivenciamos “campo de possibilidades” justo e igualitário para todos?!

### BLB – Professor Aloir Pacini, alguma consideração para encerrarmos a entrevista?

**Aloir Pacini** — O trabalho nesse estilo remoto, seja de pesquisa, ensino-aprendizado ou extensão, é uma forma de nos mantermos saudáveis em tempos tão desafiadores. Não é a receita para todos, por isso dar atenção para cada um nas suas diferentes maneiras de ser é também pensar antropologicamente os contextos sociais. Alguns pessoas pensam ansiosas precisam ocupar-se de forma a termos um tempo de pandemia que seja “produtivo” em algum sentido. São importantes o respeito e o “convívio” em algum sentido. São formas de enfrentar situações difíceis pelas quais passamos.

